

Professor e artista ou professor-artista?

Teacher and artist or teacher-artist?

por Kamila Rodrigues Debortoli

RESUMO

Este artigo aponta o isolamento histórico que existe entre o arte-educador e o artista. Contrariando a ideia de que ao primeiro profissional se atribui apenas as questões pedagógicas e ao segundo a dádiva do dom, propõe-se uma reflexão sobre a atuação do professor-artista. Tal reflexão contempla especialmente o campo das artes cênicas e compreende a escola como espaço capaz de desenvolver atividades teatrais consistentes, que tenham tanto qualidades artísticas como educativas. Além disso, são pontuados ainda os preconceitos que os próprios profissionais da área exercem sobre o trabalho na escola, da mesma forma que muitas instituições de ensino não compreendem a necessidade do professor de teatro atuar de forma plena. O professor-artista é compreendido aqui como o profissional da educação devidamente habilitado e comprometido com a formação social e artística do indivíduo, assim como com a aproximação entre a produção cultural e a escola.

Palavras-chave Professor-artista; Teatro-educação; Processo Artístico-educativo

ABSTRACT

This article points out the historical isolation that exists between the art educator and the artist. Contrary to the idea that the first professional can only handle pedagogical issues and the second is gifted with talent, a reflection is proposed on the role of the teacher-artist. This discussion focuses on the field of performing arts and the understanding of the school as a space able to develop consistent drama activities, that have both artistic and educational qualities. It is also discussed the bias that professionals have about the work in school, and the fact that many educational institutions do not understand the need for the drama teacher to work all his profession aspects. The teacher-artist as described here is the education professional fully qualified and committed with the social and artistic formation of the students, as well as the approximation between the culture and the school.

Keywords Teacher-artist; Theater-education; Artistic Process and Educational

Professor e artista ou professor-artista?

Esta discussão a cerca do “ser professor” ou “ser artista” contempla aqui especialmente a área do teatro e inclui nesta última categoria as diversas facetas que tal linguagem proporciona: ser diretor, ator, figurinista, sonoplasta, cenógrafo, entre outras. A motivação para este estudo nasce ao constatar, durante a graduação, que um número considerável de profissionais que se formam na área das Artes Cênicas não se sentem atraídos pela possibilidade de atuarem como professores de teatro em escolas. Para tais profissionais, os protocolos exigidos pelo ensino curricular contribuem para que estes ambientes educacionais não sejam considerados adequados para a realização de suas práticas artísticas. Por outro lado, é possível pontuar que algumas instituições de ensino também não reconhecem o verdadeiro valor do desenvolvimento destas práticas, da mesma forma que não mostram muito interesse em estreitar seus laços com as produções culturais que acontecem ao seu redor. O objetivo aqui não é compreender este cenário como único, desconsiderando assim o trabalho de profissionais que pensam e agem de forma diferenciada, pretende-se somente atentar para alguns fatores que ainda sugerem uma distância entre o arte-educador e o artista.

No caso da linguagem cênica, essa distância é reforçada por aqueles que encaram o ensino curricular de teatro como uma modalidade inferior as práticas teatrais desenvolvidos fora das instituições de ensino. É certo que o ambiente escolar implica em algumas limitações que não são encontradas em espaços designados somente para práticas artísticas. Muitas escolas também não compreendem totalmente as necessidades desta prática e do profissional que a realiza. Estas constatações contribuem para que algumas instituições de ensino ainda não sejam compreendidas como espaços que possibilitam processos artísticos e criativos consistentes.

Entre os fatores que, de certa maneira, distinguem o professor de teatro e o artista que desenvolve seus trabalhos em espaço destinados especificamente a prática teatral, está o pensamento equivocado de que ao arte-educador se atribui as questões pedagógica e ao artista a dádiva do dom.

Na expectativa de assegurar para si mesmos uma certa “reserva de mercado”, não são poucos aqueles que atribuem ao nosso fazer uma conotação de faceta menor de um suposto “verdadeiro” teatro. Nossa atuação, por estar vinculada a uma dimensão pedagógica se distinguiria assim de uma outra, a do artista agraciado com a suma dádiva do “dom”, desvinculados de compromissos com a formação do homem. (PUPPO, 2001, p. 31).

O preconceito com o teatro na escola acaba sendo fortalecido por aqueles profissionais que disputam o mercado e tratam de caracterizar o trabalho do arte-educador como inferior ao do artista, como se o compromisso com a formação do sujeito comprometesse as qualidades artísticas do processo. Mas então, qual o papel deste suposto “verdadeiro” teatro? E qual o interesse do artista agraciado pelo “dom”? Estabelecer limites claros entre a arte teatral e as contribuições que esta linguagem oferece a formação do sujeito, pode parecer uma tarefa inútil diante de situações que mostram o quanto arte e pedagogia apresentam-se entrelaçadas.

Professor e artista ou professor-artista?

Basta lembrar o quanto o próprio surgimento do teatro em nosso país obedece a diretrizes didáticas: é com o objetivo de inculcar a fé cristã na mentalidade de índios e degredados a serviço da colonização que Anchieta escreve textos e dirige representações teatrais em plena floresta. (PUPO, 2001, p. 31).

O resgate das origens da atividade cênica no Brasil mostra que o nosso teatro nasce estabelecendo uma clara aproximação com a pedagogia. Como a arte de representar não era devidamente reconhecida, o teatro surge como um mecanismo de catequização. No entanto, não é novidade que o teatro contribui com a formação do indivíduo. “O que tem sido variado através da história, são as concepções e os valores subjacentes a essa aliança entre arte e pedagogia.” (PUPO, 2001, p. 31). Tratando ainda desta aliança, é possível considerar que:

Muitos dos diretores responsáveis pelas grandes transformações teatrais do último século, tais como Stanislavski, Grotowski ou Barba de certa forma foram também pedagogos. De modo radical eles sempre associaram a depuração de sua arte ao desenvolvimento pessoal daqueles que a praticam. (PUPO, 2001, p. 32).

Estes exemplos, longe de propor uma dissociação, reforçam ainda mais a relação entre a prática teatral e a pedagogia. Se por um lado Anchieta utilizava a arte de representar com finalidades didáticas, por outro, grandes nomes do teatro desenvolveram suas práticas sem deixar de se preocupar com a formação pessoal do indivíduo. A figura do professor-artista, aqui proposta, surge a fim de romper os preconceitos que tendem a distanciar arte e pedagogia, sendo que sua atuação vai além do equilíbrio entre estas áreas. O que o diferencia do famoso “professor de arte”, que trata justamente do educador que reúne em sua prática conhecimentos artísticos e pedagógicos, é que o professor-artista mantendo-se comprometido com a educação e o ensino da linguagem cênica atua também como artista na escola. Ele busca o desenvolvimento de práticas teatrais que permitam sua atuação de forma plena, ou seja, sem desvincular-se das responsabilidades pedagógicas, atua como diretor teatral, ator, produtor, figurinista, cenógrafo, sonoplasta, etc. com o objetivo de desenvolver um processo criativo, dialógico e transformador, através da apreciação, da prática, do estudo e da aprendizagem da linguagem cênica.

Considerando que muitas vezes a escola não compreende que o processo de criação artística não obedece a tempo e espaço pré-determinado como as outras disciplinas, o professor de teatro corre o risco de se articular principalmente como diretor em sala de aula. Desta forma, rende-se ao exercício de sua autoridade, obtendo como resultado do trabalho um produto sem processo. Os alunos recebem seus textos e acabam não tendo tempo suficiente para criação, devido à data já pré-estabelecida para apresentação, que certamente coincide com alguma data comemorativa que será festejada na escola. Quem observar apenas o produto, certamente encontrará nele qualidades artísticas, porém superficiais, pois o processo de criação que deveria ser realizado com a contribuição de todos, contou principalmente com a concepção e criação do professor/diretor, que mesmo diante da

Professor e artista ou professor-artista?

corrida contra o tempo, deveria atribuir a esse processo um cunho mais dialógico e, portanto, mais didático.

O professor-artista não se preocupa mais com as questões pedagógicas e com o cumprimento dos protocolos da instituição de ensino, do que com o processo criativo dos próprios alunos. Tampouco atua principalmente como artista em sala de aula e torna-se nada mais que um diretor teatral na escola, que tendo que lidar com as cobranças e limitações deste ambiente, acaba atropelando a etapa da construção do conhecimento, gerando apenas a reprodução deste. Refletindo sobre esses extremos, o professor-artista pode ser compreendido como aquele que veste as diversas máscaras que o teatro lhe proporciona e conduz as atividades de forma que se tornem de fato, mesmo diante das dificuldades propostas pelo ensino curricular, processos artísticos consistentes e de qualidade.

O ambiente escolar lida constantemente com a formação do ser social, e neste sentido a prática teatral só tem a somar. Além do teatro enquanto disciplina tratar das especificidades da linguagem, ele tem o potencial de representar um elemento integrador, promover o exercício do diálogo, da reflexão, do respeito mútuo, e ainda proporcionar que o indivíduo se perceba como sujeito do processo sócio-histórico-cultural que o envolve. Para tanto, o processo deve ser bem conduzido, associando arte e pedagogia através dos conteúdos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Arte, que são explicitados pelas seguintes ações norteadoras: produzir, apreciar e ou contextualizar. A atuação do professor-artista caminha neste sentido, compreende processos criativos sólidos e sugere práticas pedagógicas que permitem aos alunos perceberem-se também como artistas, ou seja, estes tomam consciência de que são peças fundamentais para a realização do ato artístico. Os trabalhos e as discussões propostas pelo professor-artista contribuem para a formação do indivíduo através do estímulo a autonomia crítica e interpretativa, permitindo que o sujeito repense através da prática teatral (produzir, vendo os colegas de sala - apreciar) a sua realidade (contextualizar).

Isabel A. Marques (1999) em sua obra *Ensino de Dança Hoje: textos e contextos*; reflete sobre dificuldades encontradas no ensino de dança na escola, que muito se assemelham às dificuldades até então aqui discutidas sobre o ensino do teatro. Discordando de artistas que em sala de aula mantêm apenas a postura de coreógrafos e diretores que visam apenas um produto final, ela não pretende colocar o artista contra o professor, mas sim compreender a atuação do artista-docente, pois acredita que este sim possibilita que os processos de criação artística sejam também educacionais. O pensamento de Marques (1999) sobre o artista-docente define bem a discussão proposta neste estudo sobre o professor-artista:

...o artista-docente é aquele que, não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidade de que processos de criação artística possam ser revistos e repensados como processos explicitamente educacionais. (MARQUES, 1999, p. 112).

Professor e artista ou professor-artista?

Esta profissional da área de dança acredita que na escola seja possível realizar processos artísticos de forma que estes sejam encarados também como processos educacionais. Marques (1999) apropria-se da construção do conhecimento, da dialogicidade, da releitura da obra de arte e da desconstrução em seu trabalho.

...o artista-docente passa a ser a fonte do conhecimento em/através da arte e não somente uma ponte entre o aluno e o mundo da arte. Em cena, ele tem a possibilidade de criar e recriar e, principalmente, de propor – desta vez não somente como um trabalho artístico eventualmente educacional, mas um trabalho artístico-educativo. (MARQUES, 1999, p. 113).

Compreende-se assim que a sensibilidade e o trabalho do artista têm muito a acrescentar nas escolas. Portanto, não é à toa que se discutem os preconceitos que tratam de propor uma dissociação entre arte e pedagogia. O arte-educador não deve colocar-se como professor dentro da escola e artista apenas fora dela, é preciso acreditar na escola também como espaço para se atuar como artista.

A necessidade de se atrair para o círculo da pedagogia os trabalhadores culturais é discutida por Henry Giroux (1999). Para ele, à medida que se reconhece que a educação em artes contribui para a formação das identidades, surge uma necessidade ainda maior de superar esse isolamento histórico que existe entre a escola e os trabalhadores culturais. Neste sentido, o professor deveria tanto atuar como artista em sala de aula, fomentando e orientando a criação, como trazendo para a escola outras pessoas que façam esse trabalho, ou ainda, levar a “escola” até o local onde a arte esteja acontecendo. Reconhecendo a importância dessa aproximação David Trend, crítico e editor em São Francisco, comenta o trabalho de Giroux: “O trabalho de Giroux é de particular interesse para os artistas, pela maneira que ele atrai os trabalhadores culturais para o círculo da pedagogia, quer exerçam suas atividades na sala de aula, na galeria ou na rua.” (GIROUX, 1999, p. 175).

Refletindo sobre o espaço destinado as artes na escola, percebe-se a urgência da atuação do professor-artista, a fim de que esse espaço não seja cedido para outros fins, onde o primordial não seja mais a apropriação da linguagem. O teatro precisa deixar de ser compreendido apenas como um meio para se discutir outras questões. Diante da realidade vivida, dentro ou fora da escola, existe cada vez menos espaço para novas experiências, para novas sensações e para a expressão. Resgatar esse espaço também não pode ser o papel do professor-artista na escola?

...uma função educacional bem importante do artista, redescobrir e reafirmar o corpo enquanto um terreno de experimentação para a atividade cultural. Desta maneira, considerando a cultura como algo vivo, mutável e que se renova constantemente, podemos evitar reduzir a arte a um

Professor e artista ou professor-artista?

*ramo do patrimônio cultural enquanto indústria. Essa é uma das mais importantes funções dos artistas, pois somente eles podem evitar que isso aconteça. (WINSTON, 2003, p. 02)*¹.

Atuando também como artista na escola, o arte-educador mantém a arte sempre latente, possibilita resgatar e recriar a cultura, não resumindo esta a produtos, mas sim, criando oportunidades para que ela seja experimentada e reinventada. O professor-artista ainda tem a oportunidade de lidar em sala de aula com a democracia intrínseca ao teatro, levantando questões perturbadoras, auxiliando o aluno a compreender melhor os acontecimentos, além de proporcionar novas perspectivas de pensamento e ação. A experiência da construção do irreal, do sonho em conjunto e do impossível, também pode contribuir com a formação do ser social, que se desenvolve diante de uma realidade que muitas vezes não permite a este nem sequer sonhar. E o professor-artista não pode ser o facilitador deste sonho?

*Em primeiro lugar, artistas enquanto mágicos, abrem portas para a imaginação, portas cuja existência crianças podem não conhecer. Mágicos que ajudam crianças a não só ver o invisível e imaginar outras possibilidades, mas que também os ajudam a fazer essas possibilidades acontecer, criando-as através de seu talento artístico. (WINSTON, 2003, p. 03)*².

Esta discussão encerra-se apontando a aproximação entre artistas e escola por duas vias. Primeiro pela própria atuação do professor também como artista, ou seja, articulando-se como artista-docente, professor-artista, ou ainda, como artista-professor, este profissional desenvolve “processos e métodos didático-pedagógicos como estratégia poética para o ensino de arte, sendo a ‘aula’ um sistema-poético-educacional ou uma aula-obra de arte.” (VASCONCELOS, 2006, p. 02). Mas para que essa obra de arte seja concebida, é preciso encarar a escola como um espaço possível de se desenvolver criações artísticas de qualidade. Espaço esse que lida diretamente com a formação do indivíduo, onde a prática teatral aliada ao produzir, apreciar e contextualizar, tornar-se também um processo educacional. Para que esses processos artísticos sejam realizados com consistência, de forma que a linguagem cênica seja bem compreendida e o trabalho desenvolvido não seja apenas fruto das suas “obrigações” pedagógicas, é essencial que o arte-educador não esteja apenas na condição de transmitir o conhecimento. Muito diferente

1 Tradução livre, não publicada, de Livia Sudare. “This is, in my opinion, a very important educational function for artists, to rediscover and reaffirm the body as a site for making and experiencing cultural activity. In this way, considering culture as something alive, changing and constantly renewing itself, we can avoid reducing it to a branch of the heritage industry. This is one of the most important functions for artists as only they can make sure that it happens”.

2 Tradução livre, não publicada, de Livia Sudare. “First of all, artists as magician, opening doors to the imagination, doors whose existence children might otherwise remain unaware of. Magicians who help children not only see the invisible and imagine other possibilities, but who also help them make these possibilities happen, creating them through their artistry”.

Professor e artista ou professor-artista?

disso, é preciso que ele provoque a percepção dos alunos, instigue a imaginação e o sonho, envolvendo-os de forma que seja um facilitador da construção do conhecimento e da realização de trabalhos artístico-educativos.

A segunda via fica por conta da prática do professor-artista tratar de aproximar a escola de produções culturais desenvolvidas fora dela. Desta forma, outros artistas estreitariam seus laços com as instituições de ensino por meio de apresentações teatrais, performances, intervenções, etc. facilitando assim, o conhecimento da linguagem através da apreciação. Livrando-se dos preconceitos, a escola pode tornar-se um palco a mais para estes artistas, que certamente encontrarão neste ambiente educacional a possibilidade de divulgar seu trabalho e contribuir com a formação artística do sujeito. Através do contato com o ato artístico, o espectador/educando tem a oportunidade de compreender melhor as especificidades da linguagem. Ao incentivar esse contato, o professor-artista mostra-se consciente de que é preciso “propiciar experiência para se criar gosto por essa experiência, propor processos apaixonantes para formar apaixonados.” (DESGRANGES, 2003, p. 68). Neste sentido, a aproximação entre produções teatrais e a escola facilita não somente a construção do conhecimento em teatro, mas possibilita também que a escola, como um todo, compreenda melhor as peculiaridades das atividades artísticas e as suas necessidades. Este tipo de experiência propicia ainda que educandos e instituições de ensino sintam-se mais atraídos pelos processos artísticos.

Muitos são os desafios que devem ser superados, seja por parte das escolas, dos arte-educadores ou dos artistas, porém, é preciso romper o isolamento histórico e reforçar os laços entre arte e pedagogia através da atuação do professor-artista. Assim sendo, o professor de teatro ganha um espaço a mais para trabalhar de forma plena e a escola colhe os frutos do desenvolvimento de um trabalho artístico de qualidade.

Professor e artista ou professor-artista?

Referências Bibliográficas

- > DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- > KOUDELA, Ingrid Dormien. **A Nova Proposta de Ensino do Teatro**. Sala Preta: Revista de Artes Cênicas, São Paulo, n. 2, p. 233-239, 2002.
- > MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança Hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.
- > PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Além das Dicotomias**. In: Seminário Nacional de Arte e Educação. Educação Emancipatória e Processos de Inclusão Sócio-Cultural, 2001, Montenegro, RS. Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro, RS: Fundação Municipal de Artes de Montenegro, 2001. p. 31-34
- > VASCONCELOS, Edmilson. O Artista-professor e as poéticas pedagógicas. **Revista da Pesquisa. Florianópolis**, v.2, n. 1, 9p. ago.2005/jul.2006. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero1/plasticas/artigo_edmilson_vasconcelos-1.rtf. Acesso em: 24 ago. 2011.
- > WINSTON, Joe. **Uma consideração da Inglaterra**. Função do Artista no ambiente escolar. International Axchanges in Theatre and Education. n. 4, nov. 2003. Tradução ad usum delphine Lívia Sudare.

Kamila Rodrigues Debortoli, aluna do Programa de Pós-Graduação em Teatro – Mestrado, da Universidade do Estado de Santa Catarina.

kahmilinha@hotmail.com ou *kamiladebortoli@gmail.com*